

O que sabemos sobre Nigídio Maio, dono da Casa de Dioscuri em Pompeia?

Maria Regina Candido
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)
medeiacandido@gmail.com

RESUMO: A imagem de Medeia representada no afresco da Casa de Dioscuri nos aponta para a ressignificação e singularidade de sua recepção, quando comparada com o repertório imagético proveniente do mundo grego, cujas imagens apontam para o momento da morte dos filhos. O rico anfitrião descendente dos Nigídio Maio devia receber clientes e magistrados importantes em amplas salas ou em pequeno ambiente privado no interior da residência para discussões confidenciais. O espaço físico desempenha as funções sociais de lazer e de negócio, pois os *amici* se reclinam para o banquete na ampla sala de recepção localizada perto do jardim e do peristilo. No peristilo se encontram as mais expressivas e luxuosas das decorações, posicionadas estrategicamente para serem vistas pelo visitante e espectador e, ao mesmo tempo, lá se expressava a identidade compartilhada do seu morador. Interessa-nos analisar a trajetória de vida sociopolítica da família Nigídio Maio, donos da Casa de Dioscuri em Pompeia.

3

Palavras-chave: Pompeia; Nigídio; biografia; recepção; Medeia.

What do we know about Nigidius Maius, the owner of the House of Dioscuri in Pompeii?

ABSTRACT: The image of Medea depicted in the fresco of the House of Dioscuri shows us the resignification and uniqueness in reception, when compared with the imagery repertoire from the Greek world whose images represent the moment of the children's death. The wealthy host, who descended from the Nigidius Maius family, was supposed to receive his clients and important magistrates in large rooms or small private settings inside the residence for confidential discussions. The physical space performs the social functions of leisure and business, as the *amici* enjoy the banquet reclined in the large reception room located near to the garden and the peristyle. In the peristyle the most expressive and luxurious decorations were placed, strategically in a way that the visitor and spectator could see them, and, at the same time, the adornment expressed the common identity of its residents. We aim at analyzing the

O que sabemos sobre Nigídio Maio, dono da Casa de Dioscuri em Pompeia?

sociopolitical life of the Nigidius Maius family, owners of the House of Dioscuri in Pompeii.

Keywords: Pompeii; Nigidius; biography; reception; Medea.

Introdução

Confesso que já faz algum tempo que a Casa de Dioscuri em Pompeia tem despertado a minha atenção pelo fato de ter como destaque, e bem visível na entrada da residência, a imagem de Medeia. O resultado foi a produção de uma trilogia de análise da representação e ressignificação da imagem de Medeia, cujo afresco foi encomendado pela família Nigídio Maio. Consideramos que a imagem, como objeto integrante da cultura material, assim como os seres humanos detém a capacidade de adquirir um percurso no mundo social, e que existe uma relação muito próxima entre o mundo material e os seres humanos, de modo a nos permitir estabelecer uma trajetória biográfica associada ao seu valor social. O antropólogo Arjun Appadurai (2008) considera que coisas ou objetos são também possuidores de uma vida social e que, assim como as pessoas, possuem uma biografia cultural e social. O afresco de Medeia nos permite traçar a trajetória e o percurso social da imagem assim como também nos possibilita estabelecer a forma de sua circulação e de apropriação resultando em uma ressignificação de sua imagem por aqueles que a encomendaram. Partimos do princípio de que, através do afresco, podemos decodificar a imagem em seus diferentes momentos, bem como identificar a sua inter-relação com a família que encomendou a imagem para ornamentar o peristilo da residência na forma de afresco.

A mais remota imagem com este modelo se deve à antiga pintura de Medeia que foi adquirida por Júlio César na região de Cízico um importante centro de atividades artísticas. Segundo Plínio, o Velho, na obra *Historia Naturalis* (35.136), César foi a esta região após a vitória em Farsalo e adquiriu a pintura de Medeia junto com a imagem de Ajax pela quantia de 80 mil talentos. A partir desta informação, podemos afirmar que o valor social da imagem se deve à aquisição realizada por Júlio César e à publicidade da exposição no templo de Vênus Genetrix em Roma como marca de celebração do triunfo de Júlio César em 46 a.C. (GURD, 2007, p. 306). Como podemos notar, a imagem da sacerdotisa de Hécate na Casa de Dioscuri em Pompeia tem um percurso biográfico como monumento, entendido como tudo o que foi edificado por uma pessoa ou comunidade para comemorar um acontecimento marcante e fazer com que outras pessoas rememorem o acontecimento com sacrifícios, ritos ou crenças (CHOAY, 2006, p. 18).

O deslocamento e circulação da imagem insere dados na biografia do objeto imagético, fato que resulta na proximidade do referencial teórico-metodológico sobre a vida social das coisas, que nos permite abordar as relações dos contextos materiais, sociais e humanos de existência em torno de um objeto material, tornando-os, para nós pesquisadores, acentuada fonte de informação (APPADURAI, 2008, p. 27).

A cultura material, como objeto de pesquisa, possibilita desenvolver as perspectivas de extrair dos artefatos os seus valores sociais e ressignificados, como o modelo de imagem de Medeia adquirida por Júlio César e que foi identificado na família Nigídio Maio. Interessa-nos analisar a possível motivação da reprodução da imagem, pois consideramos que pessoas, personagens e objetos possuem um inter-relacionamento contínuo, constante e dependente. No caso da imagem de Medeia, a reprodução do afresco nos aponta para o status social que imagem cedia ao dono da Casa de Dioscuri, atribuindo distinção e prestígio na trajetória de vida da família Nigídio Maio.

A ressignificação da imagem, de início, nos chama a atenção pelo porte imponente da sacerdotisa de Hécate, que parece uma matrona romana, em posição de defesa dos filhos, representada no afresco da Casa de Dioscuri. A imagem mostra a singularidade do afresco quando comparada com o repertório imagético proveniente do mundo grego, que apresenta imagens de Medeia como infanticida. Podemos mobilizar a imagem de Medeia romana da Casa de Dioscuri sob a perspectiva teórica da vida social das coisas, pelo fato de trazer a reflexão acerca da variação de significados e por apontar que uma imagem deixa transparecer como as experiências humanas se desenvolvem sucessivamente no decurso da vida social e do cotidiano de um residente de Pompeia.

Nessa perspectiva, o significado da imagem não está necessariamente inserido nas formas, e sim no modo como nos relacionamos com as coisas e, especialmente, nas distintas posições sociais que as coisas ocupam em nossas trajetórias e vidas (APPADURAI, 2008, p. 27). A análise da imagem imponente de Medeia no afresco na Casa de Dioscuri nos permite afirmar que se tornou única na região de Pompeia; em nosso levantamento apontamos uma cópia da sacerdotisa de Hécate na região de Herculano, nos mosaicos na região de Antioquia, assim como na Villa Lusitano-Romana de Torre de Palma, na Villa Cardillio em Torres Novas, próximo a Monforte em Portugal, que no período romano era uma província da Lusitânia (IV d.C). Os mosaicos na atualidade estão no Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa.

Não podemos esquecer que detalhes da imagem de Medeia adquirida por Júlio César detêm elementos marcantes na configuração da imagem como posicionamento do corpo, o lado de inclinação da cabeça, a coloração, bem como a mão que segura a espada. Estes detalhes estão presentes no conjunto de citações epigráficas que fazem referência ao pintor Timômaco de Bizâncio (séc. I a.C.) como autor deste modelo de representação de Medeia. A imagem que foi reproduzida na Casa de Dioscuri havia sido eternizada através de epigramas de Anônimos de 135 a 143, que foram designados “Ciclo de Medeia”, com datas dos séculos I a.C. e I d.C. (JESUS, 2017). Como pesquisadora e helenista, nos inquieta a opção do anfitrião considerado cidadão de uma colônia romana demarcar a

escolha em representar a imagem da sacerdotisa de Hécate afastada do ato de violência evidenciado pela morte dos filhos. Consideramos que o dono da casa preferiu eternizar a imagem de Medeia em sua residência, demarcando o momento que precede o infanticídio, como o fez o pintor Timômaco de Bizâncio, no qual Medeia contempla os filhos antes de efetivar a morte das crianças.

Acreditamos que, através de análises da trajetória social e biográfica dos familiares e antecessores da residência, podemos nos surpreender com os indicativos que marcaram a escolha do anfitrião da Casa de Dioscuri pela personagem Medeia. Neste ensaio, nos propomos identificar o dono da Casa de Dioscuri e a trajetória de vida da família Nigídio Maio em Pompeia, pois consideramos que a escolha da imagem de Medeia marca a exposição de seu status social como também produz uma identidade compartilhada (grega e romana) com parte da narrativa mítica da sacerdotisa de Hécate.

Embora Medeia detenha o epíteto de mulher de cruel caráter, de hedionda natureza e espírito implacável, na descrição feita por Eurípides (*Medeia*, 100), somos levados à reflexão ao depararmos-nos com o afresco da sacerdotisa de Hécate no peristilo (nº 53) da Casa de Dioscuri (VI,9,6-7). O que nos chama a atenção na imagem é o posicionamento da mulher que deixa transparecer uma imponência, uma coragem e determinação que qualifica o desejo do anfitrião e/ou os familiares em transmitir uma possível mensagem identitária a qual nos cabe decodificar.

Segundo David L. Balch e Jason T. Lamoreux, o nome das famílias que moravam em Pompeia tornou-se acessível através de selos de bronze encontrados entre os destroços das casas e pelas inscrições pintadas na parte externa dos muros das residências (BALCH; LAMOREUX, 2011, p. 38). Consideramos que a cultura material da Casa de Dioscuri e a imagem de Medeia nos emitem uma mensagem a ser decodificada a partir da identificação do nome do anfitrião dono da residência.

Na parte externa da Casa de Dioscuri foram encontradas inscrições em apoio à candidatura de Félix Vaccula, integrante de uma família da região que expressa status e poder e que tem proximidade com os Nigídio Maio. Os integrantes desse círculo familiar eram considerados pessoas de poder e riqueza em Pompeia. Segundo Richardson, foi encontrado um registro de morte em nome de N. Nasenio Nigídio Vaccula, no ano de 54 d.C.; outro registro aponta que Vaccula M. Nigídio doou diversas peças de bronze para ornamentar móveis alocados nos banhos públicos de Pompeia (RICHARDSON, 1955, p. 82).

Logo, podemos construir a biografia dos Nigídio Maio que foram os residentes da Casa de Dioscuri, cujo final do nome gentílico *-idius* era comum no território dos Oscos, e o sobrenome da família Nigídio Maio tem como um dos mais célebres integrantes, Alleio Nigídio Maio, condecorado como *principis*

coloniae, comerciante de objetos de bronze, dono de uma casa de treinamento de gladiadores, financiador de jogos atléticos e de gladiadores.

Dentre os grafites nos muros da residência da família Nigídio, encontramos uma enigmática inscrição. Trata-se de CIL IV 1293 (Figura 1) que cita: *Campani victoria una / cum Nucerinis peristis* - "Campanos, em nossa vitória vocês pereceram com os Nucerininos" ou "Campanos, em uma única vitória, vocês pereceram com os nucerininos" (tradução do autor). A imagem relacionada ao grafite deixa transparecer um distúrbio social ocorrido entre pompeianos e nucerininos em 59 d.C. A matriz do conflito foi o jogo de gladiadores ocorrido em Pompeia, como mostra a imagem que acompanha a pequena citação:



Figura 1 - inscrição CIL IV 1293

Segundo a pesquisadora Renata Garraffoni, em 59 d.C, ocorreu um conflito social entre os habitantes de Pompeia e os torcedores da cidade de Nucéria que assistiam aos combates de gladiadores. A singularidade do embate, de acordo com a pesquisadora, está no fato de a documentação não ter maiores registros narrando o embate desta natureza em torno dos jogos (GARRAFFONI, 2007, p. 242). Tácito registrou o conflito e seus comentários tornaram-se descritivos sobre a singularidade do tumulto, segundo Tácito,

Ao mesmo tempo, surgiu de um início insignificante de um terrível banho de sangue entre os habitantes das colônias de Núceria e Pompéia em um evento de gladiadores dado por Lívio Régis, cuja expulsão do Senado eu já gravei anteriormente. A rivalidade entre cidades levou ao abuso, depois ao arremesso de pedras, depois ao desenho de armas. Os pompeianos em cuja cidade o evento estava sendo dado saiu melhor. Portanto, muitos dos nucerinianos foram

levados para Roma tendo perdido membros, e muitos estavam enlutados de pais e filhos. O imperador instruiu o Senado a investigar; eles passaram para os cônsules. Quando suas descobertas voltaram aos senadores, os pompeianos foram impedidos de realizar tal reunião por dez anos. Associações ilegais na cidade foram dissolvidas, Lívio e os outros que haviam instigado o problema foram exilados. (Tac. *Ann.* 14.17; trad. J. L. Freire de Carvalho)

A partir da citação de Tácito podemos observar três questões principais, a saber: rivalidade entre torcidas regionais, instrução para investigação e proibição de reuniões em Pompeia por meio de associação. O embate entre as duas regiões parece ter motivações mais profundas, ou seja, remonta ao período da Guerra Social (91-88 a.C.), período de expansão de Roma pela Península Itálica com o auxílio de aliados que integravam a legião romana visando alcançar o benefício da cidadania e terras. Os residentes de Pompeia, formados por oscos e samnitas, enfrentaram a legião romana, sendo derrotados por Sula, que transformou a região em colônia de legionários veteranos. A região de Nucéria teve assentamentos de veteranos implementado por Nero em 57 a.C. e não participou do embate contra os romanos. Durante a Guerra Social (91-88 a.C.), o processo expansionista de Roma teve a adesão de grupos de aliados na Península Itálica que lutaram ao lado dos romanos visando à aquisição de benefícios como a cidadania. Pompeia seguiu o caminho inverso e juntou-se ao grupo de revoltosos, mas o movimento foi desarticulado pelo general Sula que estabeleceu no local uma colônia de legionários veteranos para assegurar a ordem. O anfiteatro, em si, foi construído por volta de 70 a.C., em benefício desses novos colonos romanos e como um monumento comemorativo do domínio sobre a população osca e samnita. A região de Nucéria não havia se rebelado, e, posteriormente, foram concedidos territórios próximos confiscados e que haviam sido destruídos durante os combates. Menos de dois anos antes do motim, Nero estabeleceu uma colônia veterana em Nucéria (Tac., *Ann.*, 3.31), que, sem dúvida, trazia à memória antigos ressentimentos pelas perdas e pela disputa de terras entre pompeianos e nucerianos.

Consideramos ser improvável que a rivalidade no anfiteatro tenha sido devida à disputa de gladiadores, e sim a problemas anteriores e latentes relacionados aos loteamentos de terra cedidos aos veteranos em prejuízo dos antigos nativos moradores detentores da posse das terras. Tudo indica que familiares dos Nigídio Maio e dos Vaccula e sua clientela tenham participado do tumulto representado na inscrição no muro da residência da família (CIL IV 1293). A inscrição enfatiza a derrota de Nucéria, assim como no grafite; a citação

de Tácito faz referência ao banimento, mas, provavelmente, apenas alguns integrantes do grupo foram banidos. A razão da afirmação se deve à referência ao nome da família no processo eleitoral através das *programmata* que apontam que Maio concorria para ser *edile de duumvirate* em 55/56 d.C. Alleio Nigídio Maio serviu como edil e duúnviro, permaneceu um longo tempo como magistrado ativo em Pompeia e estabeleceu para si um meio de sustentar e manter a sua longa carreira como *editor munerum* atuando no ramo de jogos de gladiador como indica a inscrição CIL IV 7991 (FRANKLIN, 1997, p. 437). Em relação ao tumulto narrado por Tácito e à referência da associação (*collegia*) em que foi decretada a sua dissolução, o pesquisador Jinyu Liu nos chama a atenção para o fato de que talvez a *collegia* praticada em Pompeia não tenha a mesma estrutura da realizada em Roma. O autor nos traz a possibilidade de ser uma associação (*collegia fabrum*) que reunia de forma livre e privada carpinteiros, comerciantes, ferreiros e donos de tabernas como deixam transparecer os nomes de financiadores de campanha política presentes nas *programmata* (LIU, 2008, p. 18).

A dissolução ocorreu por ser considerada, pelos senadores romanos, uma associação ilícita e responsável pelo tumulto cuja punição se estendeu também para a proibição da realização dos jogos de gladiadores. A interdição parece ter atingido os negócios da família Nigídio Maio, pois encontramos na inscrição CIL IV 7991 situada na entrada da Casa de Gladiadores¹ a materialidade de seu envolvimento na inscrição que afirma: *20 pares de gladiadores de Gn. Alleio Nigídio Maio e seus substitutos lutarão em Pompeia a cada cinco anos sem as expensas públicas*. A inscrição nos aponta que Nigídio Maio era um dos financiadores dos jogos realizados no anfiteatro de Pompeia cujo evento resultou em tumulto em 59 d.C.

A abordagem biográfica dos Nigídio Maio nos permite analisar a reação da família diante da proibição do senado romano da realização dos jogos de gladiadores. Questionamo-nos de onde a família mobilizou os seus recursos de sobrevivência diante da proibição? A resposta a esta questão nos remete ao processo de formação da família Nigídio Maio. James Franklin informa que, em relação à biografia de Maio, este parece ter sido adotado por uma poderosa família da Campânia como deixa transparecer a inscrição CIL X 1036, a saber:

Para Marco Alleio Luccio Libella sênior, edil, duúnviro, prefeito no quinquênio, e para Marco Alleio Libella Júnior, decurião. Ele viveu 17 anos. O lugar para o monumento foi dado publicamente. Alleia

¹ O prédio constituía a sede da corporação de gladiadores e era utilizado para sua formação, conforme indicado pelas 120 inscrições temáticas de gladiadores encontradas dentro do edifício.

Decimilla, filha de Marco, sacerdotisa pública de Ceres, supervisionou o prédio em nome de seu marido e filho.²

Como podemos notar, o mais antigo membro da *gens* Nigídio Maio foi M. Alleio Luccio Libella, que foi duúnviro quinquenal em 25/26 d.C e serviu como *praefectus iure*, e sua esposa Alleia Decimilla serviu como sacerdotisa pública da deusa Ceres (FRANKLIN, 1997, p. 436). N. Nasennio Nigídio Vaccula, outro integrante da família, parece ter sido mercador de objetos de bronze e viveu na Casa de Dioscuri até a erupção do Vesúvio.

A família Nigídio parece ser extensiva e residente da Casa de Dioscuri cuja fachada expõe a riqueza e o status social de seus proprietários. Os Nigídio Maio mostram que cultuavam as imagens da deusa da Fortuna e do deus Mercúrio reproduzidos em afrescos na entrada da casa. Nos muros da residência estava a representação das divindades Castor e Pólux, como heróis e patronos da casa, cujos integrantes tinham fortes relações comerciais e mercantis (RICHARDSON, 1955, p. 84). A inscrição CIL X 8071.48 confirma que a família Nigídio Maio foi ocupante da residência por um longo tempo, pois a ocupação começou com o patriarca N. Nigídio Fusco, seguido de seu filho Nigídio Vaccula, envolvido nas atividades comerciais e mercantis. Provavelmente eram negociadores de mercadorias como a exportação de vinho, azeite e algodão provenientes dos arredores de Pompeia devido à fertilidade do solo vulcânico assim como era expressiva a exportação de peixes salgados e perfumes. Em troca, o filho Nigídio Vaccula importava artigos de luxo, materiais de bronze, madeira, cerâmica e produtos em mármore, atividade realizada pela família junto com o liberto de nome Eutico, que atuava como agentes de comércio (RICHARDSON, 1955, p. 86).

Entretanto, na inscrição CIL IV 7990, podemos observar a evocação da deusa da Boa Fortuna a favor de Cneus Alleio Maio, reverenciado como o príncipe dos jogos. As demais inscrições nos apontam que durante este período de interdição, houve anúncios feitos para a realização de jogos, mas não com combates de pares de gladiadores. As disputas ficaram com os jogos atléticos que parecem ter substituído a disputa dos gladiadores. Na dedicação dos Jogos Atléticos em nome de Cneus Alleio Nigídio Maio, temos a inscrição CIL IV 1177 que indica a realização de uma caçada, atletismo sob a proteção de toldos, acrescido de boa sorte para Maio, considerado o líder da colônia de Pompeia.

O nome de Alleio Nigídio Maio foi também citado mediante seu envolvimento nos reparos do anfiteatro de Pompeia que havia sido danificado devido ao terremoto ocorrido em fevereiro de 62 d.C. Como podemos observar

² Inscrição em latim: *M(arco) Alleio Luccio Libellae patri aedili / Ilvir(o) praefecto quinq(uennali) et M(arco) Alleio Libellae f(ilio) / decurioni. Vixit annis XVII. Locus monumenti / publice datus est. Alleia M(arci) f(ilia) Decimilla sacerdos / publica Cereris faciundum curavit viro et filio* (CIL X 1036).

pelas inscrições CIL IV 1179, CIL IV 1179 e CIL IV 17990, a família Nigídio Maio detinha uma proeminente riqueza e atuava como munificente financiadora dos jogos de gladiadores em Pompeia (FRANKLIN, 1997, p. 438).

Temos que reconhecer o prestígio social da família Nigídio Maio, pois Alleio Nigídio Maio serviu como sacerdote, e sua filha Alleia se tornou sacerdotisa de Vênus e Ceres, de acordo com as inscrições (EE VIII 855). A pesquisadora Virginia L. Campbell argumenta que a relação entre a política e o sacerdócio se traduz como uma simbiose familiar de poder, pois o homem adquire status para atuar como magistrado e o nome de família se eterniza também através das mulheres atuando como sacerdotisas do templo das deusas Vênus e Ceres (CAMPBELL, 2016, p. 62).

Alison Cooley nos informa que Nigídio Maio celebrou o Culto Imperial para Vespasiano e dedicou a ele um altar, comemorando o feito como culto ao imperador, como podemos verificar na inscrição CIL IV 1180 que informa: “em homenagem à segurança do Imperador Vespasiano César Augusto, sua casa e seus filhos, por ocasião da dedicação ao altar, a trupe gladiatória de Cneu Alleio Nigídio Maio sacerdote de César Augusto, realizará jogos sem atrasos em Pompeia em 4 de julho. Haverá caça de bestas e abrigos” (COOLEY, 2014, p. 73). O fato de atuarem como sacerdote e sacerdotisa implicava financiar os gastos com as celebrações, o que denota serem os Nigídio Maio uma família de prestígio e riqueza que além de mobilizar as relações comerciais e mercantis também era benfeitores de cultos e de ritos em Pompeia.

Consideramos também a possibilidade alternativa de ganhos extras da família Nigidio Maio diante da interdição dos jogos de gladiadores em Pompeia, ou seja, através de atividades de aluguéis de espaços para moradia junto com a prática de apoio a pequenos negócios. A suposição se deve à presença da inscrição CIL IV 138 que nos informa que a ínsula Arriana Polliana de Cneu Alleio Nigídio Maio, com suas *tabernae*, *pergulae* e *cenacula equestria* e *domus*, poderá ser alugada a partir de 1º de julho. Os interessados deviam consultar Primo, escravo de Alleio Nígídio Maio. Como podemos observar, a inscrição faz referência à Casa de Pansa, sítio parte da chamada *Insula Arriana Polliana* pertencente aos integrantes da família Nígidio Maio que atuavam como locadores de parte do imóvel cujo arrendamento ficava sob a responsabilidade de certos escravos.

A alocação da Casa de Pansa foi analisada por Felix Pirson (1997) e revisitada por Claire Holleran (2012). Ambos consideram que a unidade localizada da *Insula Arriana Polliana* oferece *tabernae cum pergula* para alugar, ou seja, pequenas unidades no térreo para locação e os *cenacula* seriam um pequeno espaço de moradia localizado no andar superior que, na inscrição, é descrito como *cenacula equestria* inserida na Casa de Pansa (VI,6) (HOLLERAN, 2012, p.

103). Mary Beard complementa a informação ao descrever a estrutura física da ínsula sendo composta por um *atrium* com peristilo, rodeado de pequenas lojas no andar térreo e que o responsável pela loja residia em pequenas locações situadas no andar superior (BEARD, 2008, p. 109). A autora confirma que a ínsula pertencia à família Nigídio Maio, sendo esta uma das mais antigas famílias ainda ativas na região e que mobilizava construção e locação de espaço para comércio e vendas junto com moradias e situadas em vias principais de Pompeia (BEARD, 2008, p. 110).

Podemos concluir que a cultura material, através dos objetos ou coisas, habita, assim como nós, um mundo social, e que existe uma relação indissociável entre o mundo material e os seres humanos e que ambas, pessoas e coisas, constroem uma trajetória de vida que nos permite estabelecer uma biografia. Pensando nesta dialética, constatamos que a família Nigídio Maio teve participação socialmente ativa, mobilizando a economia, a política e a religião em Pompeia. A abordagem biográfica dos Nigídio Maio nos permite enunciar uma trajetória de prestígio e valor social associado à imagem de Medeia. A imponência da imagem da sacerdotisa de Hécate na entrada da residência deixa transparecer que produz um vínculo entre o ambiente social da imagem, no caso Pompeia, e seu estado simbólico junto aos Nigídios. A posição altiva reproduzida na imagem mostra que os integrantes da família Nigídio Maio sentiam-se vencedores, assim como a personagem do afresco, diante dos desafios impostos pelo status de colônia romana, pela rivalidade com Nucéria e pelas restrições de parte das atividades econômicas impostas por Roma. A trajetória de realizações na vida de Medeia também nos revela que a protagonista ultrapassou os desafios e venceu, a família Nigídio Maio deixa transparecer uma identificação com o percurso enfrentado pela sacerdotisa de Hécate como reflexo de sua própria trajetória biográfica ao transpor os desafios impostos por Roma. A opção de modelo alternativo na figura de Medeia no afresco deixa transparecer que se interrelaciona com a trajetória de vida da família Nigídio Maio na posição de vitoriosos diante de desafios e de obstáculos desde os períodos remotos da cidade de Pompeia. Ambos conseguiram manter o prestígio, o reconhecimento e a atenção da academia que reúnem o *valor social do afresco* e com o *valor social da família* em constante processo de pesquisa e análise, cuja análise da trajetória bem-sucedida mantém seu curso nos dias atuais.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun (Org.). **A Vida Social Das Coisas: As Mercadorias Sob Uma Perspectiva Cultural**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

O que sabemos sobre Nigídio Maio, dono da Casa de Dioscuri em Pompeia?

BALCH, David L.; LAMOREUX, Jason T. **Finding a Woman's place**. Princeton: Wipf and Stock Publishers, 2011.

BEARD, Mary. **Pompeii: The Life of a Roman Town**. London: Profile Books, 2008.

CAMPBELL, Virginia L. Politicians and Priestesses. **Networks of Elite Families in Pompeii**. Leidschrift. Historisch Tijdschrift, v. 31, n. 1, p. 61-74, 2016.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2006.

COOLEY, Alison E.; COOLEY, M. G. L. **Pompeii and Herculaneum: a sourcebook**. London: Routledge, 2014.

FRANKLIN, James L. Cn. Alleius Nigidius Maius and the Amphitheatre: 'Munera' and a Distinguished Career at Ancient Pompeii. **Historia: Zeitschrift Für Alte Geschichte**, v. 46, n. 4, p. 434-47, 1997.

GARRAFFONI, Renata Senna. Rixa no anfiteatro de Pompéia: O relato de Tácito e os grafites parietais. **História Revista**. Goiânia: UFG, v. 12, n. 2, p. 241- 251, 2007.

14

GURD, Sean Alexander. Four Epigrams on Timomachus's Unfinished Medea. **American Philological Association**. The Johns Hopkins University Press, v. 137, n. 2, p. 305-331, Autumn 2007.

HARTNETT, Jeremy. **The Roman Street: urban life and society in Pompeii, Herculaneum, and Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

HOLLERAN, Claire. **Shopping in Ancient Rome: The retail trade in the Late Republic and the Principate**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

LIU, Jinyu. Local Governments and Collegia: A New Appraisal of the Evidence. In: AUBERT, J-J. (ed.). **A Tall Order - Writing the Social History of the Ancient World**. Berlim: B. G. Teubner, 2008, p. 279 -310.

PIRSON, Felix. Rented accommodation at Pompeii: the evidence of the Insula Arriana Polliana VI 6. In: LAURENCE, Ray; WALLACE-HADRILL, Andrew. **Domestic Space in the Roman world: Pompeii and Beyond**. Dexter: Thomson-Shore, 1997, p.165-182.

RICHARDSON, L. **Pompeii**: The Casa dei Dioscuri and Its Painters. Michigan: University of Michigan Press, 1955.

TÁCITO. **Anais**. Trad. de J. L. Freire de Carvalho. Série Clássicos Jackson, Vol. XXV. São Paulo: Editora Brasileira, 1957.

Data de envio: 10/05/2022

Data de aprovação: 05/07/2022

Data de publicação: 31/10/2022